



O milagre de 1917 na pena de Miguéis e na lente de Barroso

The miracle of 1917 in the Miguéis' fountain pen and Barroso's lens

Edimara Lisboa Aguiar¹

Resumo: O presente trabalho propõe a leitura da história a partir da literatura relida pelo cinema como questão relevante para se compreender o fascínio do espectador contemporâneo pelos filmes de época. Para isso, analisaremos a ficcionalização das aparições em Fátima por José Rodrigues Miguéis em seu romance **O milagre segundo Salomé** e sua reordenação pela adaptação cinematográfica realizada por Mário Barroso.

Palavra-chave: História na literatura, Literatura pelo cinema, Adaptação cinematográfica.

Abstract: This assignment proposes the reading of history from literature reread from cinema as relevant question to understanding the contemporary viewer's fascination by period films. For this, we analyze the fictionalization of the apparitions at Fátima by José Rodrigues Miguéis in his novel **O milagre segundo Salomé** and its reordering from the film adaptation directed by Mário Barroso.

Keyword: History in literature, Literature in film, Film adaptation.

Portugal é um “doente da história”, perpetuamente obcecado pelos perigos, reais e imaginários, que lhe ameaçam a integridade; nós, portugueses, sentimos, pensamos, falamos e agimos como vítimas da história; como se uma força oculta e contrária nos houvesse roubado o futuro prometido, esse múltiplo himeneu de glória, poder, virtude e prosperidade.

Major Tristão Barroso²

1. Bendito 1917: a igreja, o estado e a burguesia entendem-se

Em treze de maio de 1917 um milagre aconteceu em Cova da Iria, localidade do município de Ourém, em Portugal. Três pastorinhos, Lúcia, Francisco e Jacinta, brincavam no alto de uma encosta quando relâmpagos e trovoadas os assustam. Quando se acalmam, veem, a poucos metros, uma senhora vestida toda de branco, “mais brilhante que o Sol”, cujo corpo parecia

¹ Edimara Lisboa Aguiar é graduanda em Letras, Português e Linguística, pela Universidade de São Paulo. Atualmente desenvolvendo projeto de Iniciação Científica no ramo de Estudos de Literatura e Cinema, com o apoio do CNPq.

² Trecho do grande discurso do Major Tristão Barroso, personagem do romance **O milagre segundo Salomé** de José Rodrigues Miguéis (p. 225).

de cristal. Era N. S. do Rosário de Fátima a pedi-los que rezem pela paz do mundo e o fim da guerra, prometendo voltar a aparecer ali por seis meses seguidos, no dia treze a mesma hora (por volta do meio-dia). E assim ocorreu nos meses seguintes, sendo as últimas aparições da santa em Espanha, onde Lúcia fora estudar. Na aparição de treze de outubro de 1917 havia 70.000 pessoas a contemplar o milagre. Desde então, milhares de peregrinos de todo mundo vão à Cova da Iria não apenas nos dias 13 do mês, mas diariamente, chegando hoje ao montante anual de cinco milhões de visitantes³.

As aparições de Fátima às três crianças renovaram a fé e esperança de um país que vivia um de seus anos mais tensos. Não só a Primeira Guerra Mundial não chegava ao fim, como a Primeira República, estabelecida em 1910, não conseguia consolidar o governo forte e independente que se esperava ter. Várias figuras políticas importantes da época passaram pelos cargos de poder sem conseguir contornar a crise. As ideias liberais e a postura anti-católica não conseguiram atingir à população e se estabelecer como sistema de valores. Abalada em sua estrutura tradicional, a população portuguesa se viu arrastada para uma modernização que não estava pronta para absorver. O resultado foi a intensa emigração, as constantes greves do proletariado industrial e a insatisfação das grandes forças sociais: a burguesia e o exército. Desde 1915 que o país estava sob a administração militar e era preciso estabelecer e/ou apoiar valores pessoais e coletivos que reunissem a população e garantissem a valorização da sua identidade.

Mas a história raramente consente aos revolucionários a liberdade de escolherem os seus momentos de poder. Tal como os que agem, os sonhadores têm que agarrar as suas oportunidades quando elas surgem. Foi assim em 1910 e foi novamente assim em 1974. A tragédia dos primeiros republicanos residiu no fato de a sua oportunidade de conquistar o poder ter coincido com a primeira guerra mundial, com um novo alarme relativamente às colônias africanas, com a pior crise financeira e econômica que o País conheceu e com o despertar das aspirações e da consciência de várias

³ O relatório oficial das aparições de Fátima está disponível *on line*, no *site* do santuário de mesmo nome, <<http://www.santuario-fatima.pt>>.

classes que a República não podia satisfazer construtivamente ou reconciliar (WHEELER, 1978, p. 872).

Trazendo uma reflexão similar a de Wheeler, o romance **O milagre segundo Salomé** de José Rodrigues Miguéis, escrito em 1967 e, por força da censura, só publicado em 1975, após a Revolução dos Cravos, trabalha no nível da ficção o embate entre tradição e modernidade em que mergulhou Portugal num clima de insatisfação e incerteza apenas sufocado com a Ditadura Militar – lembremos que o Estado Novo se manteve no poder por quarenta e um anos. Valendo-se do estilo neo-realista em moda na época, Miguéis sabe conciliar a leveza do universo camiliano à profundidade do mundo ficcional queirosiano. Forçando para dentro dos personagens, por meio do monólogo interior e do discurso indireto-livre, o engajamento político e a expressão ideológica que não caem bem ao narrador câmera⁴ tão em moda.

O mesmo tipo de atualização estilística é verificado no filme homônimo de Mário Barroso. Adaptação cinematográfica “baseada no romance de José Rodrigues Miguéis”, como lemos na película, o filme de 2004 se vale das técnicas em moda no cinema comercial português contemporâneo para recriar o ambiente da época e repensar as aparições em Fátima.

Com propostas diferentes e enfoques distintos, as obras parecem se cruzar no que tange a história de amor de Salomé e Gabriel, mas ambas problematizam uma questão histórica portuguesa que vem de longa data e que parece-nos ainda atual: a união de forças entre as instituições de poder – estado, igreja e burguesia – como a grande e perversa alternativa para controle das massas e estabilização financeira.

Questão essa que se Miguéis, assim como Eça⁵ já o fez, desenvolve por meio da literatura, mas a que também se voltam políticos e intelectuais. Antero de Quental em seu discurso “Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos” aponta três causas para a atual crise política, financeira e social: a primeira moral, o catolicismo pós-Concílio de Trento

⁴ *The camera* na classificação dos narradores proposta por Norman Friedman.

⁵ Bueno (2005) demonstra a influência das ideias de Antero de Quental em *O crime do padre Amaro*. Na segunda conferência proferida no Casino Lisbonense em 1871, Quental aponta a Igreja Católica pós-Concílio de Trento como a primeira, e mais *culminante*, das causas da decadência dos povos peninsulares.

(1545-53); a segunda política: o absolutismo; e a terceira econômica, as consequências das conquistas ultramarina. Vilhena (2007) associa as aparições em Fátima com as aparições em Plock, na Polônia, para mostrar como um evento espiritual pode ser usado como ponto de escape em um contexto de crise política, cultural e religiosa.

No fundo, o que esses autores estão questionando é a união conveniente dos três poderes em prol dos benefícios próprios, ainda quando eles contribuam para a alienação da grande massa populacional. A religiosidade do povo empregada como ferramenta de controle e de captação de recursos.

2. Miguéis: O milagre segundo Portugal

O milagre segundo Salomé é um romance convidativo porque mais do que um texto da literatura engajada – aliás, em nota final o autor faz questão de reforçar a ficcionalidade de seu texto – não abandona as questões existenciais da protagonista e não tira o enfoque da história de sofrimento e paixão bem ao gosto popular alimentado desde o teatro grego. Ainda assim, ele é o livro pouco conhecido. Cláudia de Sousa Dias atribui a isso o seu teor herético que ainda hoje é mal recebido no seio da sociedade portuguesa.

Um livro maldito. Para alguns, herético. Retirado há muito do circuito comercial das livrarias, descobrimo-lo apenas nos alfarrabistas ou entre as estantes poeirentas do “cemitério dos livros esquecidos” (passo o plágio a Carlos Ruiz de Zafón) de uma Biblioteca Municipal. De um fato, não restam dúvidas: trata-se de um romance assumidamente laicista e anticlerical, nascido da veia racionalista-positivista de um autor que não consegue calar a indignação face àquilo que vê como a permanência de um obscurantismo quase medieval na mentalidade coletiva dos portugueses, na primeira metade do século vinte e que se prolonga pelos primeiros anos após a Revolução dos Cravos (DIAS, 2008, página da web).

Os nomes das personagens são caricatos: Dores, a criada de servir que engravida de um vigarista que lhe leva a última ilusão de afeto (o falso Sr. Tesouras, o papa-virgens); Severino Sambujeira, o camponês que virou

banqueiro e fonte de renda de Belmarço e Couto (o general abc); Gabriel Arcanjo, pseudônimo do nosso poeta político, arauto do panorama da época e “anjo salvador” de Dores; Salomé, o nome emblema da prostituta deusa angelical, que tantas vezes confundimos com a própria nação portuguesa: a santa, a pomba, a beleza recalcada pelos escrúpulos frígidos, a boneca de luxo; o major Tristão Barroso, um republicano moderado já desiludido com a república, defensor da intervenção militar como única forma de manter a paz e a ordem naqueles tempos incertos, do punho-de-ferro não como forma de controle, mas de proteção; o indesejável Ferrabrás a denunciar na embriaguez o que todos se esforçam para não ver; o deputado e jornalista Mota Santos, idealizador do negócio do milagre. “Portugal era isso (mas tinha pitoresco!)”, constata o narrador lá pela página 57. A narrativa ganha, assim, aparência de crônica, faz uma crítica contundente e direta, sem perder a graça e simbologia da ficção pura.

Dura praticamente o mesmo período que a Primeira República, pega os últimos anos da monarquia, com o Severino adolescente (em 1882) partindo de sua aldeia para trabalhar em Lisboa, que para ele era “ainda mais distante e nevoenta que o Brasil” (p. 4) até finais da década de 1920, quando o vemos, um novo-rico banqueiro e empreendedor, a apoiar a “revolução salvadora” de 1926 com sua “mentirosa e corrupta política do espírito”. E concatena muito bem os episódios da vida privada das personagens e os acontecimentos nacionais representativos da época. Temos acesso aos artigos e crônicas do Gabriel Arcanjo antes mesmo dele se tornar personagem, como se estivéssemos a ler os jornais que Salomé colecionava. Penetramos nas inquietações românticas de Dores e Severino, ao mesmo tempo em que percebemos as fragilidades do novo governo. A instabilidade romântica de Dores é construída em paralelo com a instabilidade política nacional. Pobre e ingênua, ela se entrega a Tesouras procurando a proteção paternal, mesmo sabendo no fundo que o desejo dele em muito se parecia com a concupiscência do padrinho que lhe atormentou durante a infância. Do mesmo modo, Portugal confiou-se ao regime republicano mesmo pressentindo que ele não seria capaz de liquidar os problemas que o regime monárquico vinha

arrastando. O país permaneceria dependente da Inglaterra e incapaz de transformar as colônias africanas em um novo Brasil.

Por consequência do romance com Tesouras, do qual saiu grávida e desempregada, Dores passa a se prostituir e adota o nome de Salomé. Perdido o filho, ela descobre em si uma mulher bonita e de potencial atrativo. A melhor garota de dona Rosa, ela fica reservada para os clientes mais ricos e exigentes, ficando em sonho o desejo de pertencer a um homem só seu capaz de lhe despertar o desejo nunca conhecido. Da mesma forma, o país passa por sucessivos governantes – o cargo de primeiro ministro é substituído à exaustão: Augusto de Vasconcelos Correia, Duarte Leite Pereira da Silva, Afonso Augusto da Costa, Bernadino Luís Machado Guimarães, Víctor Hugo de Azevedo Coutinho, José de Castro, Afonso Augusto da Costa, António José de Almeida Sidónio Bernardino da Silva Pais – mesmo que nominalmente presidido por Manuel José de Arriaga Brum de Silveira (1911-1915) ou Bernardino Luís Machado Guimarães (1915-1917). Ninguém consegue estabelecer rumos sólidos para a economia e atingir ideologicamente o povo.

Num terceiro momento, Dores-Salomé conhece Severino, já nos seus cinquenta e oito anos⁶, que lhe oferece estabilidade e riqueza. Isso teria acontecido a pelo menos dois anos antes do milagre, em 1915, data em que começa a administração militar. Assim como Severino à Salomé, o exército oferecia a Portugal um governo sóbrio e protetor, uma direção decente e sem sobressaltos apaixonados, uma prisão de luxo. E o país, como Salomé, vive em um estado de depressão que beira à loucura.

⁶ A idade de Severino Sambujeira, sempre mencionada, é marca concreta (ainda que sutil) dos anacronismos constantes no romance. Severino tem dezesseis anos quando chega a Lisboa, em 1882. Trabalhando para o senhor Serrano, “onde trinta anos vagarosos passam depressa”, ele conquista sua riqueza e posição social e se torna um dos fiadores do movimento republicano. Logo, em 1926, ano em que a ação do romance acaba, ele não teria mais que sessenta anos. Todavia, em seu encontro com Gabriel, que teria ocorrido em 1925 ou 1926, ele se queixa dos seus sessenta e quatro anos. Além disso, para ter vivido com Salomé por pelo menos dois anos antes do milagre de 1917, ele a teria conhecido com não mais que quarenta e nove anos. Ironicamente o narrador está sempre a dizer que Severino se sente com as forças dos quarenta anos, idade que, por nossos cálculos, deveria ter. Sem nunca dizer que o milagre e a nova presidência aconteceram em 1917, o narrador acentua o caráter fictício da sua narrativa. Brinca com os fatos e datas, assim como Camilo Castelo Branco faz no *Amor de Perdição*, não deixando Simão Botelho avançar dos dezoito anos (Do caso camiliano é BELLO, 2005 quem faz o levantamento).

O milagre, que no romance não ocorre em Fátima, mas em Meca, por sinal ocorrido no espaço da infância, faz com que Dores-Salomé se lembre dos valores destruídos ao longo da experiência (moderna) da cidade. Ela se apega à religião, nega-se a ceder o corpo ao Sambujeira e, com o tempo, consegue a sua liberdade de volta. Vai começar do zero, apoiada na esperança oferecida por sua fé na virgem das Dores. Ainda sim, continua servindo sem saber ao “ex-amor e senhor”, ajuda a sustentar o comércio em que ele transforma a fé dela. É do mesmo modo que a nação se volta com fervor aos valores da fé tradicional católica, se apega ao milagre de Fátima, que aparece como fonte nova – e “pura” – de atração do capital externo para o país.

Por fim, Dores finalmente se encontra com o autor das crônicas que vinha lendo, com aquele que traz a solução legítima para a crise nacional. Ele lhe oferece os prazeres da carne e o filho, fruto do amor. Ensina-lhe a enxergar a ilusão por traz do milagre de Meca e a reconstruir a sua vida de baixo. Gabriel é o artista que não deixa de olhar criticamente para a realidade a sua volta. Tem as ferramentas para ascender socialmente – percebemos isso em sua conversa com o jornalista da situação, “um profissional”, que escreve o que lhe mandam –, mas opta por viver humildemente em sua liberdade. “O dinheiro nunca me pesou”, diz ele, “nem me faz muita falta” (p. 300). Episódio-símbolo da situação de produção da obra (aliás, não é difícil associar Gabriel a Miguéis), uma atividade intelectual que resiste à opressão militar por meio da manutenção das ideias democráticas, ainda que elas só encontrem na ficção uma forma de serem expostas. Do mesmo modo que Miguéis decide contar em romance, e não em mais uma de suas crônicas, o milagre segundo Salomé.

3. Barroso: o milagre de amor e resistência

Realizado a partir do roteiro de Carlos Saboga, por sua vez adaptado do romance de Rodrigues Miguéis, **O milagre segundo Salomé** (2004) foi um projeto concebido como minissérie que precisou ser condensado em filme. Mário Barroso já era, a essa altura, um renomado diretor de fotografia, colecionador de vários prêmios e colaborador de nomes importantes do cinema

européu como Manoel de Oliveira, João César Monteiro, Raul Ruiz e Jean-Claude Biette.

É o produtor Paulo Branco, grande nome no ramo em Portugal desde seu apoio ao **Amor de Perdição** (1978) e que desde finais da década de 1990 vem apostando em trabalhos mais comerciais, quem financia o sonho de Barroso de estrear como diretor. Aliás, é em nova adaptação do romance camiliano, que Barroso aposta seu segundo longa-metragem – lançado em 2008 – trazendo para o contexto contemporâneo o drama existencial de Simão Botelho.

Em entrevista, Barroso diz o seguinte sobre a experiência de adaptar o romance neo-realista de Rodrigues Miguéis:

Depois de ter lido o livro tentei imediatamente comprar os direitos mesmo sem produtor ou alguém que avançasse dinheiro para o seu custo e por isso fui obrigado a recuar... De qualquer forma, nessa altura era um outro filme que eu tinha na cabeça. Aliás, a minha primeira ideia foi a de realizar uma série para televisão. Seria uma adaptação muito próxima do livro, respeitando a sua cronologia e começando com a Salomé e o Zambujeira (nome de Sertório Cerqueira no romance) e a sua chegada a Lisboa muito jovens. O romance daria origem a uma série muito mais colada à realidade do livro do que o filme que acabei por fazer

Mário Barroso⁷.

Se não realizamos ao assistir ao filme o desejo de leitor de romance em ver concretizada em experiência sensível a experiência concreta, mas conceitual, do contato com o texto escrito, como aponta Bello (2005)⁸, nos deparamos com outra forma de olhar o Portugal da Primeira República, outra forma de nos relacionar com os personagens caricatos mais vivos de Miguéis.

⁷ Em entrevista concedida à Uzi Magazine. Disponível em <http://www.uzimagazine.com/artigos_2.php?arquivo=129&id=24>. Acesso em 05 de maio de 2010.

⁸ Nas palavras da autora: “Parece não haver dúvidas de que [...] a experiência conceitual proporcionada pela narrativa literária pede, de fato, uma concretização [...] que consiste, afinal, na grande promessa que o cinema cumpre, ao possibilitar a percepção sensível. O autor literário não necessita do cinema para realizar este trabalho de visualização interior que o texto sugere, mas dificilmente resiste à tentação de o verificar através do cinema” (BELLO, 2005, p. 158).

Saboga mexe apenas em alguns nomes, transforma o Severino em Sertório Cerqueira, o tenente Azavedo (apelidado de Ferrabrás) em tenente Brás, a Mouca, amiga de Salomé, em Judite, mas altera o perfil de todos os personagens. Salomé não é mais a prostituta frígida que sustenta o sonho de ter uma família e um homem a quem ame, mesmo na pobreza, mas uma moça viva e impulsiva, religiosa e mundana ao mesmo tempo – como aliás o narrador do livro diz ser todas as prostitutas –; Cerqueira não é o homem solitário e cegamente apaixonado por Salomé, mas um negociante que sabe o que quer, os benefícios e riscos de suas transações comerciais; a Judite é quem assume o evidente lado reservado de Salomé, Mouca se transforma na amiga socialmente aceitável; é em Natacha, figura quase insignificante no romance, que a libertinagem e criticidade de Mouca ficam concentradas, nela é trabalhada também a questão do homossexualismo, que víamos na empregada toda devoção. É o próprio Mário Barroso quem dá corpo a uma figura pouco trabalhada no romance, mas fulcral no espaço da crítica: o bispo. Mesmo na república, ele circula na alta-roda e tem participação ativa no projeto de exploração do milagre. Que aliás, no filme, aponta mais diretamente para as aparições de Fátima, seja porque a construção da cena se assemelha à descrição dos pastorinhos, seja porque em nenhum momento a aldeia é nomeada por Meca ou qualquer outro nome.

Quanto à aproximação entre a personagem Dores-Salomé e a personagem Portugal no texto de Miguéis, ela não se dá no romance. A reordenação dos episódios, fazendo ser com Cerqueira o romance na praia que Dores vive com Tesouras; a elevação do tenente Brás em amante possível – no romance não há os triângulos e quadrados amorosos tão em moda na narrativa dos dramas televisivos, mas um romance de Dores-Salomé segue a outro, sem se cruzarem – para quem Salomé tem a importância mística que muitas vezes tinha para Severino; o co-protagonista Gabriel transformado no modelo de bom rapaz, e num idealista político cuja voz não é possível calar ou mesmo conter.

Essa reordenação, aliada à trilha sonora que remete ao imaginário contemporâneo do que foi os anos 1920 – o frescor das relações e o palco de

belas comédias românticas – dão ao ritmo do filme um teor menos realístico e crítico, embora se mantenha em plano de fundo a representação do cenário político e social da época, mas desenvolve os novos personagens de tal forma, que eles não conseguem escapar ao final trágico e místico, que o romance estava longe de ter.

4. O milagre de 1915, no Portugal pós-Revolução dos Cravos e no Portugal neoliberal

As aparições em Fátima, episódio histórico-religioso que até hoje atrai turistas a Portugal é epicentro da crítica política de Miguéis e trabalhado de forma mais acessória na história de amor que Barroso quis levar ao ecrã.

De todo modo, é com muita atualidade que o filme denuncia a corrupção do estado (na figura do deputado Mota Santos), da igreja (no bispo Mário Barroso) e da burguesia (no banqueiro Cerqueira), unidos no propósito de lucrar cada vez mais com a fé (e, porque não dizer, ingenuidade) da população.

Desaparecem no filme as lutas que acreditamos já ter conseguido vencer: o analfabetismo, as greves operárias, o sentimento militar de custódia justa da nação desmantelada; mas são retomadas e atualizadas as questões que ainda ficaram mal resolvidas: a pseudo-liberdade da imprensa, a impunidade do silenciamento das testemunhas anônimas⁹, a má distribuição de renda, a comercialização da fé, tratada como mais um artigo de consumo.

A crítica de Antero e Eça, segue pertinente a Miguéis e Wheeler e continua atual para nós e para Barroso. Mudam-se os tempos, permanecem-se as vontades... somos obrigados a reler Camões ao pensar as insatisfações por traz dos episódios históricos que a literatura e o cinema procuram, cada um a seu modo, preservar na memória popular. O mundo é, sim, composto de mudança, mas quão importante é perceber as permanências, para que possamos entender melhor o nosso legado cultural luso-afro-brasileiro.

⁹ Pensando aqui a questão-tema do filme *Quanto vale ou é por quilo?* (2005) de Sérgio Bianchi. Em que a moça do povo, mesmo com todas as provas na mãe, não é capaz de levar a conhecimento público as falcatruas do ex-patrão.

Bibliografia

BELLO, Maria do Rosário Lupi. **Narrativa literária e narrativa fílmica: o caso de *Amor de Perdição***. Lisboa: Calouste Gulbenkian Foundation - Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCG - FCT), 2005.

BUENO, Aparecida de Fátima. Erotismo e sacralidade em *O crime do padre Amaro*. In: FERNANDES, Annie Gisele e OLIVEIRA, Paulo Motta (orgs.). **Literatura portuguesa aquém-mar**. Campinas: Komedi, 2005. p. 17-29.

DIAS, Cláudia de Sousa. **O Milagre segundo Salomé** de José Rodrigues Miguéis. Disponível em <<http://hasempreumlivro.blogspot.com/2008/01/o-milagre-segundo-salom-de-jos.html>>. Acesso em 20 de maio de 2010.

FRIEDMAN, Norma. Point of view in fiction, the development of a critical concept. In: STEVICK, Philip, ed. **The theory of the novel**. New York: The Free Press, 1967.

MIGUÉIS, José Rodrigues. **Obras completas. O milagre segundo Salomé**. 2 vols. 3. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. Disponível em <<http://www.scribd.com/doc/7022059/Milagre-Segundo-Salome>>. Acesso em 10 de maio de 2010.

O milagre segundo Salomé. Direção: Mário Barroso. Produção: Paulo Branco. Roteiro: Carlos Saboga. Intérpretes: Nicolau Breyner, Ana Bandeira, Ricardo Pereira, Gabriel e Paulo Pires e outros. Portugal/França: Mandrágora Films e Gémini Films. 2004. 1 DVD (97 min).

QUENTAL, Antero. **Prosas sócio-políticas**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982.

VILHENA, Marcos Nunes. Aparições em Fátima e Plock, ou quando o Divino se interessou por política! In: **Diálogos com a lusofonia**. Colóquio comemorativo dos 30 anos da seção Portuguesa do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Universidade de Varsóvia. Universidade de Varsóvia, 10 e 11 de dezembro de 2007. Livro das Atas. Varsóvia, 2007. p. 7-27.

WHEELER, Douglas L. A Primeira República Portuguesa e a história. **Revista Análise social**, Lisboa, v. 14, n.56, 1978. p. 865-874.